

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v21i38.1123>

“ESCREVER É UM VOO PARA O DESCONHECIDO”: uma conversa com Paulina Chiziane^{1, 2}

Por JANE RODRIGUES DOS SANTOS

Mestre em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente realiza Pós-Doutorado (PNPD/CAPES) junto à Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.
jane.dos.santos@hotmail.com

Nesta entrevista, a escritora Paulina Chiziane nos fala sobre a sua aventura na escrita, o profundo respeito e amor por Moçambique, bem como o desejo de imiscuir em sua dicção as vivências de seu povo.

Paulina Chiziane nasceu em Manjacaze, província de Gaza, Moçambique, em 1955.

É considerada, por muitos, a primeira romancista moçambicana, título que refuta, preferindo ser conhecida como uma contadora de histórias ou, simplesmente, como uma escritora apaixonada pela sua cultura.



Publicou obras, que tocam em questões sociais e éticas de Moçambique pós- independência, especialmente, a partir de um olhar feminino. Nesse sentido, destacam- se, entre outras, as obras: *Balada de Amor ao Vento* (1991), *Ventos do Apocalipse* (1993), *O Sétimo Juramento* (2000), *Niketché* (2002), *O Alegre Canto da Perdiz* (2008). E as mais recentes: *As Andorinhas* (2009), *Na mão de Deus* (2013), *Por Quem Vibram os Tambores do Além* (2013), *Ngoma Yethu: O Curandeiro e o Novo Testamento* (2015).

¹ Entrevista submetida à avaliação em janeiro de 2024 e aprovado para publicação em março de 2024.

² A presente entrevista é parte integrante desta pesquisa e foi concedida pela escritora Paulina Chiziane, por ocasião da FLIAFRO, na cidade do Rio de Janeiro, em 25 de abril de 2017.

Por ocasião da Festa Literária de Expressões Indígenas, Africanas e Afro-brasileiras FLIAFRO – 2017, em parceria com o Instituto Nandyala Livros, Paulina Chiziane nos concede, no Rio de Janeiro, esta entrevista em tom de longa conversa sobre Moçambique de todos os tempos, grafados em sua escrita sob muitos aspectos. Uma contação de histórias cuidada, da qual nascem algumas questões, respondidas ao sabor de suas memórias e afetos.

Unilab - Em sua palestra na Universidade Federal Fluminense³, dizia que “o escritor é um aventureiro, que vai buscar o que ninguém diz”. Essa atitude lembra um voo, pois um risco e uma liberdade. Como pensa em seu voo de liberdade?

Paulina Chiziane - Não sei como vou responder, mas, de toda a forma, escrever é um voo para o desconhecido, pelo menos comigo foi assim. Primeiro, eu comecei a escrever para mim, porque me agrada, porque eu precisava tirar o que tinha dentro de mim para um pedaço de papel. Depois o atirei para o ar, lancei, não sabia para onde ia, e foi assim um voo muito assustador.

Lembro-me de que quando nasceu o primeiro livro, eu fiquei dois dias sem dormir, não conseguia apanhar sono e tive que ir ao hospital para receber algumas pílulas para me tranquilizar e poder dormir. Foi uma sensação de voar para o infinito que não sabia para onde ia parar. Eu tinha várias razões, por que todos disseram: “O que, Paulina escreveu? O que ela escreveu? Então, começaram as línguas do mundo a minha volta. Quem ela é? Onde aprendeu? O que ela julga que é? Enfim, muita coisa a minha volta. E para eu descer deste voo precisei realmente tomar pílulas para dormir. Daí para frente eu comecei a sentir que eu realmente publicara um livro. É o mesmo que a gente tirar a nossa alma, o nosso coração, o mundo que temos cá dentro e colocar num voo que a gente não sabe onde vai dar. Este voo d’alma foi andando e conheci lugares e conheci pessoas, que nunca imaginei que poderia conhecer, se não fosse este voo de liberdade que a escrita me permitiu.

Unilab - Há uma atitude que parece primordial nas literaturas africanas: a compreensão de que um indivíduo nunca é só uma existência, mas nele perpassam

³ Realizada no dia 24 de abril de 2017.

gerações, enfim, a ancestralidade. Como se dá tal percepção em regiões tão diversas do território moçambicano?

Paulina Chiziane - Eu acho que é uma conversa muito longa. A Europa tem muitos anos de história, tem muitos anos de invasão à África, tem muita história de repressão aos povos africanos. A Europa teve liberdade para escrever a sua própria história. Em África, nós somos as primeiras gerações da escrita, assim sendo, de vez em quando, nos sentimos militantes e sentimos o dever de registrar as histórias dos nossos antepassados, é uma espécie de militância que a Europa já fez há muitos séculos e nós estamos a conseguir fazer agora, este é um aspecto. O segundo aspecto é que os europeus têm a sua concepção de mundo, e os africanos também têm a sua. Quando a Europa chega à África, reprime e impõe o seu modo de ver o mundo, mas há uma parte de nós que fica escondida e, nesta face, na fase atual, nós estamos divididos. Temos aquilo que é nosso, como cultura, e temos aquilo que o Ocidente nos traz. Então eu tenho uma língua que falo em casa, com os meus pais, depois tenho a língua que falo na igreja que eu frequento, quando estou em sociedade, na rua e de dia. Mas tenho a crença que eu professo junto da minha família. Resumindo: o africano é este ser dual, por causa das circunstâncias históricas.

Unilab - Essa dualidade pode ser percebida também em Maputo?

Paulina Chiziane - Enquanto a vida corre bem, as pessoas esquecem, mas, em momentos de crise, começam as perguntas existenciais: quem eu sou? De onde vim? A ciência e a academia não respondem. A pessoa tem que regressar ou tem que procurar os caminhos de regresso. É complicado...

Unilab - Parece-me que, em sua , há uma espécie de trabalho crítico, arqueológico, em certo sentido, uma vez que termina por resgatar temas da tradição moçambicana de modo mais consciente, mais reflexivo... Acha que esta é uma faceta relevante de sua obra?

Paulina Chiziane – Novamente, eu estou a colocar a questão do africano. Por exemplo, no norte de Moçambique, que é monogâmico por tradição, porque é uma

Outros Tempos, vol. 21, n. 38, 2024, p. 416-422. ISSN: 1808-8031

região matrilinear, onde a mulher tem poder, então a poligamia não tem razão de ser – é a tradição – vieram os árabes e trouxeram o Islamismo e introduziram a poligamia. No sul de Moçambique, que é poligâmico por tradição, vieram os cristãos e introduziram a monogamia. Isto é, a África é este continente, que vem sendo retalhado, e qualquer um acha que pode fazer qualquer coisa criando os transtornos dentro da sociedade.

Agora eu tenho que confessar uma coisa: eu sou autora, apenas isso. Vou a um lugar, dou com uma ó bacana e eu escrevo a história, sem olhar para as consequências. Eu, às vezes, nem me lembro de que estou a falar do passado, ou do presente, estou simplesmente a contar uma história. Acontece, porém, que o livro depois de escrito cai nas mãos de alguém, que vive num mundo diferente e identifica o que escrevi como um recuo ou como um recurso do passado, mas eu quando faço meu trabalho não tenho consciência disso. Trabalhei durante muitos anos nas zonas rurais, onde a tradição africana é muito mais forte. E eu escrevo alguma coisa relacionada com aquelas vivências e, quando chego à cidade, as pessoas dizem que escrevi sobre a tradição, mas não foi exatamente a minha intenção.

Unilab - É o que acontece, por exemplo, em *Niketche* e a questão da poligamia?

Paulina Chiziane - Em relação ao *Niketche*, eu acho que não escrevi sobre poligamia. Poligamia é outra coisa. Eu escrevi sobre os comportamentos de um homem africano, que vem de uma tradição poligâmica e lhe é imposta uma cultura monogâmica. O transtorno que isso cria, a desordem em que ele fica e todas aquelas confusões. Eu não acredito que tenha trabalhado, especificamente, na questão da poligamia, não, não. Estou a ver um tipo safado, nada mais do que isso. A interpretação, que mais tarde venha a ser dada, às vezes surpreende-me, depois vou ver, sim, realmente eu toquei nesse aspecto, mas não era essa a minha intenção. Mas, de toda forma, se nós temos que caminhar pra frente, temos de olhar pra trás. É necessário! E as nossas crenças, as nossas visões de mundo, como africanas, não foram escritas. E, se foram escritas, são os escritos de antropólogos europeus que traziam o seu modo de ver o mundo.

Unilab - Nesse sentido, podemos também pensar nas religiões africanas?

Outros Tempos, vol. 21, n. 38, 2024, p. 416-422. ISSN: 1808-8031

Paulina Chiziane – Fala-se da questão da religião aqui no Brasil: dizem “religião de matriz africana”, depois temos outros que dizem “religião ocidental”. E não sei do que estão a falar todas essas pessoas. O que é uma religião de matriz africana? O que é uma religião ocidental?

Unilab - Inclusive pensando as que vieram do Egito...

Paulina Chiziane - É tudo uma confusão... Aqui há uma série de preconceitos que precisam começar a ser quebrados, gradualmente, independentemente de terem vindo ou não do Egito, essa é também uma questão que eu problematizo.

Olha, o que eu te digo é que Deus fez o homem e deu a cada povo um espaço, uma raça, uma língua, e pra falar de Deus, não é preciso falar em latim, não é preciso falar em português, eu falo na língua que eu domino, na cultura que eu domino. Onde está o problema? Então pra que andar a dizer de que matriz é? Ocidental, universal. Só essa linguagem, é uma linguagem de supremacia, como quem diz: “pra alcançar Deus, vem até mim. Porque com a tua língua, com a tua cultura e a tua raça, tu não chegas lá!” Na essência, pra mim, é tudo vaidade. Existe simplesmente o essencial: a comunicação com Deus se faz em todas as línguas e em todos os lugares. A mim não me faz muita diferença ir ter com um chinês, com um indiano, com uma mãe de santo, ou com quem quer que seja, no momento em que eu achar que não estou em condições de alcançar o divino, a partir de mim mesma.

Unilab - Voltando ao terreno literário, não pude deixar de notar a sua admiração pela escrita e pela pessoa de Conceição Evaristo. Como nasceu tal afeto?

Paulina Chiziane - , eu conheci a Conceição Evaristo em Porto de Galinhas. Eu estava ali, entretida com qualquer coisa, não me recordo com o quê, acho que estava a ver uns cestos de artesanato e, quando eu viro a cabeça, vejo alguém e digo: “então, como é que a minha irmã chegou aqui?”. Olhei pra ela e foi aquele choque de estar a ver alguém com traços da minha família, mas, pronto, disfarcei e começamos a conversar. Depois, entrei em contato com a obra dela. Eu acho que a obra que ela me ofereceu foi *Ponciá Vicêncio*. Comecei a ler muito curiosa: “o que ela terá escrito?” E eu percebi que, se eu estivesse no Brasil, eu era capaz de escrever como ela. Os contextos mudam,

as culturas, os lugares onde nos encontramos, portanto, o espaço geográfico é diferente, mas há um quê que nos liga, eu não sei o que é. E vejo isso em *Ponciá Vicêncio*. As palavras que ela escolheu para descrever as pessoas é mais ou menos a minha linguagem, a lírica que eu usei, sobretudo, quando fui escrever *A balada de amor ao vento*.

Outros Tempos, vol. 21, n. 38, 2024, p. 416-422. ISSN: 1808-8031

Então foi uma espécie de encontro entre duas pessoas, de regiões diferentes, mas que parecem ter vivido juntas. Eu encontrei-me com ela como uma amiga que não encontrava há muito tempo. Sempre que posso, falo com ela por e-mail. Mas há um fenômeno muito interessante: às vezes, eu recebo convites para vir ao Brasil, mas estou ocupada, entretanto, se vejo o nome da Conceição Evaristo, digo: “bem, se ela está, então vou”. Eu não sei por quê...

Unilab - Aproveitando-nos desta reflexão sobre a literatura de escritoras negras, vivemos uma polêmica suscitada por alguns setores da crítica literária brasileira sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, sobretudo, se esta seria ou não literatura...

Paulina Chiziane - Tenho um grande respeito por esta mulher, pelas suas origens e pela luta que ela travou para sobreviver. Este questionamento: o que é literatura? Quem criou, quem inventou e para que serve? Carolina Maria de Jesus construiu um espaço, na produção de seu diário, de muito valor. Agora quem são os outros para questionar, colocar etiqueta sobre o sentimento humano? Preocupados em colocar etiquetas, nome e arrumar gavetas, às vezes, perde-se o melhor que a vida tem. Eu não estou a imaginar o que tenha sido a vida dura desta mulher.

E aqueles que “sabem o que é literatura” e que “sabem escrever” em todos os meios não teriam capacidade de expressar a vida com a mesma dimensão que a Carolina...

Agradecimento:

À Íris Amâncio, professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de Literatura Portuguesa e de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense e coordenadora do Licafro –Laboratório de Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora Negra da UFF (CNPq), por intermediar este encontro.